

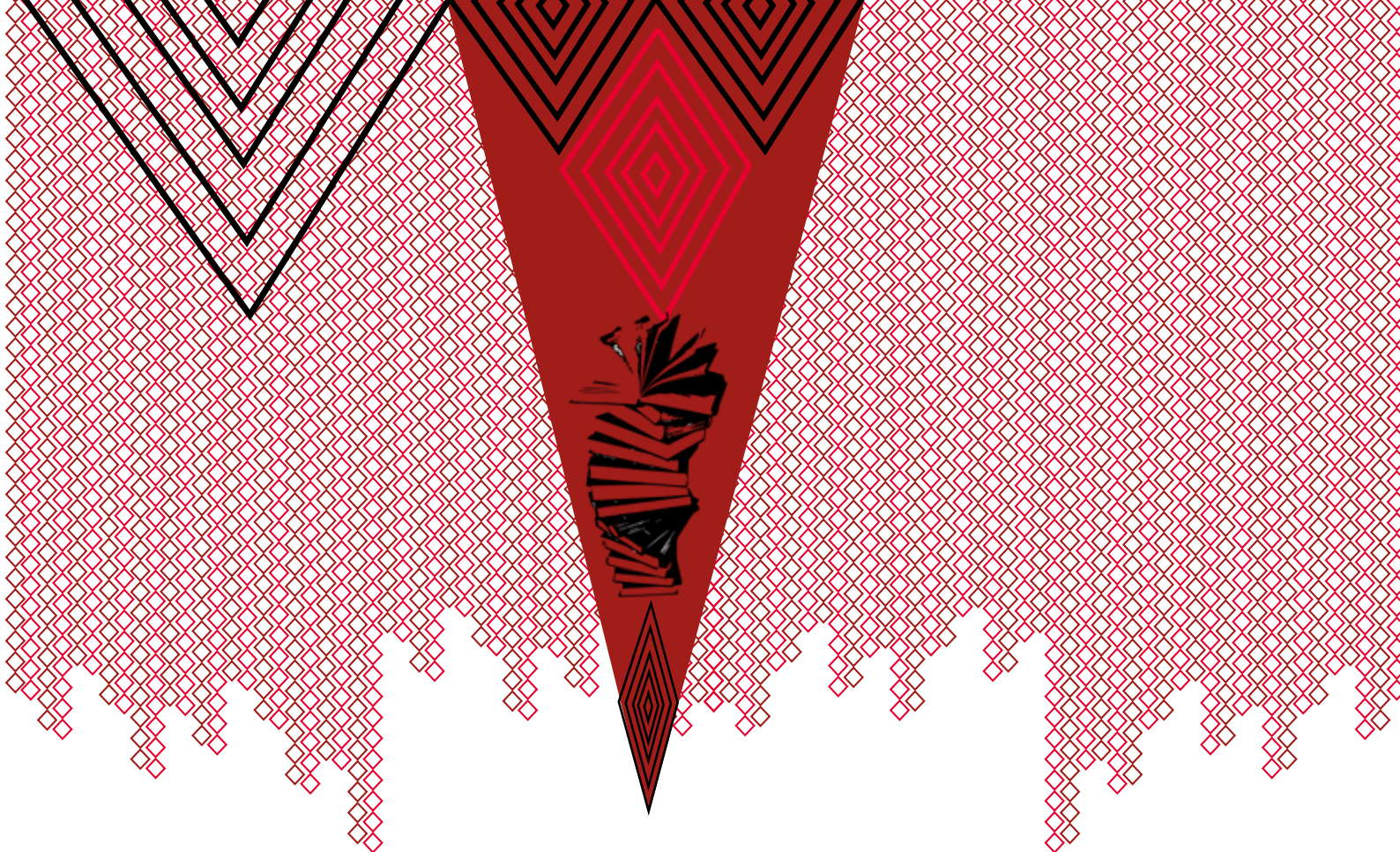


Ilustração: Adobe Stock

Ações e reflexões pedagógicas antirracistas na Educação Física escolar

Carolina Cristina dos Santos Nobrega

EMEF Arthur Alvim – DRE Penha



Introdução

O presente artigo apresenta os caminhos tecidos na elaboração da proposta pedagógica denominada Educação Física Antirracista, constituída pelas experiências vividas no chão da escola como fonte de conhecimento científico, considerando que o ato de pesquisar é inerente à relevância do ensino, que exige o reconhecimento das necessidades, particularidades, diferenças e diversidades da população, sobretudo negra, no Município de São Paulo. Nesse sentido, é no efetivo compromisso coletivo de sermos antirracista que a educação, em especial a Educação Física, torna-se negra e indígena.

Abro os caminhos, lembrando a seguinte frase: “[...] cada vez mais confirmaremos que, para entender o Brasil, é preciso conhecer e compreender a África” (GOMES, 2003, p. 84), portanto, a África que nos ha-

bita, escrevivas(os) que somos por Cabo Verde, Senegal, Guiné-Bissau, Gana, Togo, Benim, Nigéria, Angola, Moçambique, ou seja, alguns países que mostram a raiz do Brasil negro.

Nesse movimento de pensar as relações antirracistas, compreende-se a categoria raça no sentido sociopolítico, em concordância com os movimentos negros e, nesse caso, com educadoras(es) que, por meio da experiência ativista-pedagógica, percebem a experiência vivida das(os) professoras(es) e estudantes, da comunidade escolar na recuperação das raízes, da identidade afro-brasileira, da história e, principalmente, do desenvolvimento político das negritudes a partir da rica herança africana (NOBREGA, 2020). A partir dessa reflexão, no meu artigo intitulado Por uma Educação Física

Antirracista (NOBREGA, 2020), amparada pela preocupação dos estudos feministas decoloniais a respeito da desconstrução do discurso colonial, da reconfiguração do imaginário colonial, da severa violência epistêmica, apresento, com foco nas relações raciais, os principais pontos (nesta análise) que nos auxiliam no entendimento sobre as manifestações racistas brasileiras, a partir das contribuições de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (1999), entre outras(os) autoras(es).

Em termos históricos, o primeiro ponto expõe:

[...] a apropriação das ideias biológicas para justificar as desigualdades sociais através da classificação de pessoas com base nos conceitos de raças superiores e inferiores (discurso racista dos cientistas europeus). No entanto (a partir do século XX), esses conceitos foram substituídos e alterados através da referência cultural, resultando em culturas superiores e culturas inferiores [...]. (NOBREGA, 2020, p. 53).

Nessa linha de raciocínio, o segundo ponto apresenta a relação de poder sobre o giro linguístico e cultural a respeito da raça, da cor e da aparência física. Nessa lógica, o corpo negro se refere à exclusão, sustentando os estereótipos na lógica da inferioridade imutável (núcleo do racismo). Desse modo, o corpo negro é inscrito em outra pele que lhe

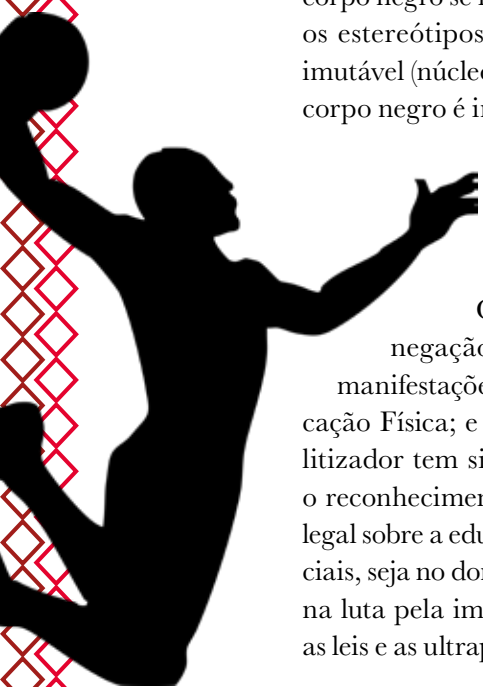
foi imposta para atender parâmetros estabelecidos pelos ideais brancos, reforçando o mito negro.

O terceiro ponto se refere à negação do racismo, bem como às manifestações racistas na escola e na Educação Física; e esse desengajamento despolitizador tem sido um forte obstáculo para o reconhecimento da relevância do aparato legal sobre a educação das relações étnico-raciais, seja no domínio das ações pedagógicas, na luta pela implementação do que versam as leis e as ultrapassam no compromisso com

a transformação que enxerga a diversidade étnico-racial como eixo do currículo, numa educação de direitos antirracistas. E, por fim, o quarto ponto ressalta o genocídio da população negra e indígena na atual conjuntura.

Nessa lógica, um dos grandes desafios para a educação, em especial para a Educação Física (considerando a sua especificidade), é tecer, no cotidiano da escola, os direitos humanos negros, que não se limitam a um projeto (com começo, meio e fim). Urgem intervenções pedagógicas e políticas cotidianas, pois os corpos negros, indígenas, pobres são exauridos, expulsos da humanidade ao longo da história, e tal realidade se faz cada vez mais cruel e presente no capitalismo racial. A educação é uma questão racial que, em diálogo com as categorias do Ocidente cristão, demonstra as opressões sociais, discriminações, preconceitos, racismos etc., e tais violências condicionam as vidas negras às desumanidades, dificuldades de ascensão social ao longo da história (NOBREGA, 2019a).

Diante do exposto, a transformação da Educação Física se delineia a partir das narrativas e experiências quilombolas nas aulas, numa perspectiva descolonizadora das questões de gênero, desenvolvendo conceitos propostos por pensadoras feministas negras, como: aquilombar, pretuguês, dororidade, escrevivência, interseccionalidade etc., que apresentam os sentidos, significados, simbolismos, saberes e conhecimentos da nossa comunidade de resistência. À vista disso, abraçamos o ensinamento de suas políticas, poesias, seus exemplos de negritude, legítimos, inspirados nos valores negro-africanos, costurados por múltiplas histórias (NOBREGA, 2021). Desse modo, desenvolve-se uma Educação Física que compreende a intimidade entre o conteúdo que se ensina e a experiência vivida da comunidade negra na escola, por exemplo, a prática pedagógica intitulada Os orixás na Educação Física antirracista: educando no combate à intolerância religiosa (NOBREGA, 2019b), entre outras. Em defesa de uma sociedade



antirracista, a presente proposta pedagógica adota a metodologia feminista decolonial e incorpora (na aproximação com as pedagogias afrorreferenciadas) arte, história, literatura e leitura de mundo, afro-brasileira e africana, nos temas de estudo e na interpretação das

práticas corporais (com os temas-elo), tecendo as narrativas do corpo negro e indígena sobre o corpo negro, indígena em diálogo com os saberes identitários, estético-corpóreos e políticos dos movimentos negros educadores (GOMES, 2017).

Referências

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, maio/ago. 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 54, p. 149-156, jul. 1999.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. **Educação antirracista no município de São Paulo: análise das experiências pedagógicas na área de Educação Física escolar**. 2019. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019a.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Narrativas quilombolas na Educação Física escolar: combatendo o epistemicídio. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline (org.). **Linguagens na Educação Física escolar: diferentes formas de ler o mundo**. Curitiba: CRV, 2021. p. 67-83.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Os orixás na Educação Física antirracista: educando no combate à intolerância religiosa. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, ano 5, v. 2, p. 48- 63, nov. 2019b.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Por uma Educação Física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 34, n. esp., p. 51-61, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145>. Acesso em: 13 nov. 2020.

